

MEDICINA E CORPO: UM ESTUDO DO CUIDADO DE SI E UMA BUSCA POR UMA PADRONIZAÇÃO ESTÉTICA

Maria da Luz Rodrigues da Silva
Estudante de História na UEPB – Campus III
daluz_rodrigues@hotmail.com

Orientador: José Cunha Lima
Especialista em História Cultural – UEPB
jscunhalima@hotmail.com.br

RESUMO: O presente trabalho propõe pensar o corpo, através do olhar da medicina e dos discursos midiáticos, partindo dos princípios das relações sociais produzidas entre os séculos XIX e XX. Onde o corpo foi sendo estudado por diferentes campos do saber, onde o mesmo foi fixado em territórios da beleza, da saúde e da identidade moderna. Entretanto, discutiremos como esse corpo é constituído e influenciado pelos discursos da beleza, da medicina que padroniza e policia o mesmo. Portanto, vamos estudar a medicina como sendo um instrumento de oficialização de determinados padrões, e se tornou responsável por criar uma imagem corpórea idealizada dentro das normalidades, gerenciando um cuidado mais de si. Para a construção desse discurso utilizo Foucault (1984, 1984 e 1999) e Ortega (2008).

Palavras chaves: Corpo. Medicina. Beleza. Cuidado de si.

A História da Medicina se confunde com a História do Corpo, mas cabe nesse primeiro momento contar um pouco como essa medicina se tornou o que é hoje. Partindo de uma visualização anatômica do século XVIII até o nascimento da medicina moderna do século XIX. Onde o discurso Anatômico marcou no corpo uma nova forma de visão corporal, no qual o discurso que ligavam o corpo e a mente sofreu uma individualização.

Portanto, o corpo agora será representado como objeto de conhecimento científico, onde o mesmo utilizará os conhecimentos anatômicos para dar mais veracidade ao discurso médico de um corpo aparentemente saudável, partindo da experimentação com um corpo morto (cadáveres), como sendo um modelo de um corpo vivido que corresponde à medicina moderna do final do século XVIII, onde os corpos eram expostos como espetáculo.

Muitos países da Europa criaram espaços teatrais para expor os conhecimentos anatômicos não apenas ao interesse educativo ou devidamente científico, mas, como um espetáculo para o público, eram vistos como uma forma sofisticada de entretenimento, sendo assim, também atenderia ao interesse cultural da época.

Tais práticas que mais pareciam abusivas, pela forma como eram praticadas, corpos nus expostos ao público, sendo praticamente decapitados, aos olhares e mãos majestosos dos anatomistas, artistas e intelectuais que lotavam os teatros para vislumbrar o corpo e seus mistérios que os guardavam.

A curiosidade que se mostra para conhecer o interior do corpo leva os anatomistas a dessecar corpos de prisioneiros, mas, para alguns, viam essas condutas como uma forma de punição, colocavam os anatomistas em posição de soberano, como ele sendo detentor do poder sobre esses corpos, como próprio Michel Foucault, teoriza o poder de fazer morrer e deixar viver, criando uma imagem figurativa do anatomista assemelhando-se a de um carrasco; figura muito comum nessa época em alguns países da Europa.

A figura do anatomista adquire uma dimensão sinistra ao assemelhar-se ao carrasco. Ele participa de forma indireta e simbólica na execução do condenado, cuja morte é re-encenada na mesa de dessecação. Tanto o corpo executado como o dissecado são, entre os séculos XVI e XIX, corpos encenados publicamente, que apresentam um sentido mediante a visualização da carne e do sangue. (ORTEGA: 2008, p. 96)

Mas o que se mostrava era um grande fascínio sobre os conhecimentos anatômicos, principalmente no final do século XVII e início do século XVIII na Inglaterra, abrangendo não apenas a vida intelectual, mas a vida social, se mostrando como um modelo de representação e ‘divisão das ciências, artes, política e família’.

Essas práticas de exposição na Itália chegaram ao fim com as reformas napoleônicas dos estudos universitários, abolindo assim a organização dos teatros anatômicos, perdendo a sua credibilidade para dar lugar a uma nova forma disciplinadora, contudo na Europa oitocentista o que antes eram feitos para o público,

agora começa a ser praticadas dentro dos hospitais, onde o mesmo se constitui como o lugar detentor desse corpo, e também dentro das prisões como castigos para os prisioneiros.

Contudo, a visualização corresponde aos estudos anatômicos da época, mas deixando claro que houve vários momentos de declínio deste método, que não cabe aqui nesse trabalho, mas o que vale constar é que a partir das rupturas e dos conhecimentos adquiridos, pode-se deixar de pensar o corpo como 'subjetivo' passando agora pensar como um corpo 'objetivo', proporcionando a medicina uma visualização do interior desse corpo, mais precisamente dos órgãos e também das doenças que podem está no interior desse corpo dando início, assim uma ruptura epistemológica no início do século XIX com o nascimento da clínica. Como descreve Ortega (2008): Na experiência anátomo-clínica, o olhar médico penetra o corpo buscando desvela seus segredos descem em sua profundidade. Mesmo que essa tal busca seja feita na terceira pessoa, a partir de um corpo morto, descobrindo neste, as possibilidades de cura do corpo vivo.

É inevitável esquecer dar importância do cadáver para o discurso médico se concretizar o que é hoje, foi a partir das experiências encenadas nesse corpo que pode chegar ao conhecimento que se têm nos dias atuais. Mesmo que a maneira feita para o conhecimento desse corpo não tenha sido voluntária, mas sim punitiva e involuntária, no qual o corpo cadáver se tornou o objeto dessas experiências muitas vezes encenadas em lugares públicos.

Foucault traz na sua obra *Vigiar e Punir*, como eram dadas as punições aos que cometiam atos que iam contra o sistema, ou melhor, contra o Estado; e aos atos ilegais, que tinham punições diretamente ao corpo dos supliciados que eram cruelmente castigados até a morte. Mas no século XVIII as tecnologias de punição foram reestabelecidas pelo código civil da época, estabelecendo as prisões como espaços onde as pessoas iriam pagar pelos seus atos, trocando a imagem do antigo carrasco pela do médico. Instituído no médico como agente disciplinador desse corpo, ele que irá delegar o corpo dentro da legalidade dentro de uma medicina que será coletiva, ou melhor, formular agora uma medicina social nos fins do século XVIII, ou seja, essa

medicina trabalhará para deixar o corpo apto ao trabalho, dispondo o corpo saudável e com força para a produção.

Dispondo agora o médico como ‘administrador da saúde’, uma saúde mais coletiva, mais urbana; pois com crescimento da população nos fins do século XVIII e início do século XIX, houve uma necessidade maior dos espaços da saúde principalmente com as doenças nos centros urbanos da Europa, pois nesses centros não havia ainda políticas que davam ao cidadão boas condições de saneamento, isso fazia com que as doenças se proliferassem mais rápido, e corpo ficava exposto essas doenças.

Nasce o que chamarei medo urbano, medo da cidade, angústia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das *caves* sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar. FOUCAULT (1984: p. 87)

Mas a partir disto a medicina teve que enfrentar outros problemas na sua forma de execução, no entanto, ela atingiria o coletivo e causaria alguns constrangimentos, no qual a medicina estabeleceria o poder sobre esses corpos, mas não poderia ir além, pois poderia atingir a propriedade privada, e seria ir a confronto com outros tipos de poder que não cabia ao poder da medicina. Mas essa medicina urbana, ou melhor, social, onde a mesma contribui para visualização, levando uma socialização desta, sendo importante para o desenvolvimento da medicina científica, e a criação dos hospitais como lugares que cuidarão desses corpos doentes.

O corpo agora perpassa por procedimentos que normatizam através de espaços, onde possibilitaram uma alta valorização desses corpos, mas que não viabiliza ainda aqueles corpos que são considerados anormais pela cultura corpórea que está sendo criada no século XIX, sendo assim, considerados como corpos doentes.

Institucionalmente o surge o hospital, que até então estava dedicado ao pobre e à preparação da morte; a partir desse período torna-se local privilegiado de exercício da medicina, cumprindo duas funções diferenciadas, mas interdependentes: cura e ensino. (FORTES: 2008, p. 200)

Com a criação desses locais, utilizados para normatizar e padronizar esses corpos aparentemente doentes, o discurso Médico ganhou ares universais, sendo oficializado como um discurso verdadeiro, e aceito por todos, alguns dispositivos foram criados para poder normatizar o corpo do sujeito e policiá-los dentro de uma disciplinarização partindo do discurso da moralidade, da beleza, da própria saúde e do bem-estar. Proporcionando um cuidado antecipado das doenças que assolam esses corpos através das campanhas de vacinações criadas pelo próprio estado. Portanto, “o corpo se torna um objeto de incessantes negociações com as normas proclamadas pelo poder dos médicos” (MOULIN: 2008, p. 38).

O médico ganha o poder sobre esse corpo, é o próprio que vão avaliá-lo e diagnosticá-lo se é saudável ou não. É daí que nasce a necessidade de médicos especializados principalmente quando o Estado através de um governo ditatorial controla todas as profissões com o discurso no qual se define como sendo uma “política de saúde”.

No qual os corpos mais definidos, cheios de curvas, jovens perfeitos, faz com que o sujeito comece a identificar o corpo a partir da sexualidade, como nos mostra SOHN:

É nos anos 1930 que a sexualidade não é mais somente sugerida, mas apresentada em cena, tanto nos filmes como nos cartazes: sedutoras em combinação e ligas, amantes desfalecidas sobre a cama, beijos cheios de paixão, tudo isso como prova do desejo e do prazer. (SHON: 2008, p. 113)

O corpo deixa de ser apenas algo que faz parte do sujeito, mas, ele agora é representado como sendo o sujeito não apenas como um objeto de uso, mas como um espaço de representação do mesmo, pois o corpo do sujeito é construído dentro de mundo de representações, dentro de uma moralidade. E ele precisa do olhar do outro para se sentir que existe, esse corpo sente necessidade de ser visualizado mesmo que essa visualização muitas vezes nos faz sentir vulneráveis a esse olhar, mesmo assim queremos ser vistos. E o discurso médico juntamente com o discurso estético

proporcionando ao corpo essa exposição, mesmo que para estar com um corpo de acordo com padrões tenhamos que suportar as dores, enfrentar cirurgias estéticas, ou mesmo submetemos aos variados tratamentos, e bem como aos exaustivos cuidados de si.

Portanto, somos há todo momento controlado por um círculo vicioso do cuidado de si, até aqueles corpos ditos anormais entram nesse controle, pois os critérios avaliativos para oficializar essa demarcação corporal como certo e errado, nos torna como indivíduos livres enquanto donos do nosso corpo, procurando sempre um “corpo vivido na sua identidade” a partir das marcas corporais.

Portanto esse discurso é justamente o ponto funcional para compor através de uma visibilidade corporal a construção de uma identidade a partir do espaço vivido pelo mesmo. Principalmente através dessas novas tecnologias que possibilitaram um prolongamento da vida, e também de um bem-estar, tanto na saúde mental como na saúde corporal, pois os cuidados não apenas se restringiu ao exterior, mas ao interior desse corpo também a partir do discurso da biomedicina do século XIX.

Contribuindo assim para um aprofundamento nos estudos referentes ao corpo, e fortalecendo o discurso do corpo jovem, como um corpo saudável, aceito, aquele que deverá ser exposto nas capas de revistas, nos comerciais de TV, no cinema, nas propagandas de cervejas, proporcionando assim uma legitimação corpórea.

É a partir dessa percepção de visualização corporal, contribuiu para outro discurso emergir e ganhar espaço no meio desses discursos corporais, que é o do consumo ou a própria ideia dos discursos médicos que veio a constituir no sujeito, a necessidade de comprar a sua própria beleza. Portanto o que vemos é um investimento de si, controlados pelo um sistema regulador, que normatiza esses desejos pelo corpo perfeito. Mas, também um corpo saudável, sem riscos de contrair nenhum tipo de doença, tendo uma preocupação por parte da medicina em investir em formas preventivas.

Pois o governo é o órgão regulador desse sistema de prevenção, quanto mais uma pessoa estiver saudável menos dispersa dará ao Estado, e quanto mais propagando dando ênfase ao corpo belo saudável, mais pessoas irão querer consumir esse corpo. Essa visualização traz para um sujeito um sentimento de querer se tornar algo que não é; só para está dentro de uma padronização. Quando alguém se aceita como ela é, é tratada como anormal pela sociedade, uma anomalia que burlar e renega o sistema que foi oficializado durante os séculos XIX, XX e atualmente sendo explorado no século XXI pela mídia como também pela medicina.

O discurso do corpo belo interpassa pelos séculos até os dias atuais, sendo sempre atualizado e vigiado para não ser corrompido. Podemos então comparar esses corpos como prisioneiros de um sistema disciplinador, somos colocados em um círculo; vigiados e punidos, quando tentamos contrariar esses ideais de beleza, se tornando para nós um círculo vicioso, pois somos nós os próprios carrascos do corpo.

Nós punimos, através de dietas, malhação ou as cirurgias plásticas, ou as de redução de estômagos, no qual somos cobrados todos os dias para se manter em forma e em dia com a saúde, é por isso que temos que fazer alguns sacrifícios se queremos nos manter dentro dos padrões ideológicos determinados pelo os discursos médicos contemporâneos. Não apenas para ter um padrão de beleza, mas, possuir um corpo apto ao trabalho, ou melhor, saudável com boas condições, tanto para o trabalho braçal, como para os trabalhos que utilizam mais a mente do que o esforço físico.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. FOUCAULT (1999, p. 29)

Foucault nos esclarece como é essa relação de submissão imposta pelos sistemas reguladores, dando os exemplos das formas punitivas nos corpos dos prisioneiros dentro dos muros das prisões, mostrando os modelos organizacionais como sendo um dos motivos do sucesso, pois como ele cita a cima tudo era cuidadosamente organizando, calculado imposto como uma necessidade, mas também como um instrumento político a ser utilizado.

Todo esse rigor foi para que o sucesso do método punitivo fosse devidamente empregado nos sistemas prisionais. Entretanto vemos o mesmo método sendo aplicado hoje em dia, através dos instrumentos disciplinadores midiático, que utilizam da propaganda para disciplinar, vigiar e punir esses corpos e até mesmo deixa-los constrangidos diante dos corpos aparentemente perfeitos, é quase um discurso utópico, irreal do ser perfeito, mais será que existe um ser de tal perfeição? Essa tal busca nos faz submisso a quereremos ser e a ter uma beleza sonhada, um padrão de corpo idealizado que não é encontrado em todos os corpos.

Mesmo assim é oficializado como único a ser seguido, e todos ganham com isso, você que terá o corpo perfeito, saudável, a medicina ganhará com os avanços das pesquisas, a própria medicina estética, que todos os dias levam mais e mais pacientes para as mesas cirúrgicas, fora a venda de produtos estéticos com porções milagrosas, a mídia também, pois é a que vende que propaga diz para nós e nos mostra através das imagens o ideal corpóreo de beleza.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A bela ou a fera: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia de identidade. VEIGA-NETO, Alfredo. RAGO, Margareth (orgs) In: **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2008.

FORTES, Lore. Clínica da Saúde e Biopolítica. In: **Cartografias de Foucault**. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, VEIGA-NETO, Alfredo, SOUSA FILHO, Alípio de (orgs). Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. O Cuidado de Si. 8º edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. Volume 03.

_____. **Microfísica do Poder**. 4ª Ed. Tradução de Roberto Machado - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 20ª Ed. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: **História do Corpo**. As mutações do olhar. O século XX. CORBIM, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (org). Petrópolis: Editora Vozes, 2008. Volume 03.

NOVAES, Joana de Vilbema. Beleza ou Feiúra: corpo feminino e regulação social. In: **História do Corpo no Brasil**. PRIORE, Mary Del. AMANTINO, Marcia. (org.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ORTEGA, Franciso. O Corpo Incerto: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORY, Pascal. O corpo ordinário. In: **História do Corpo**. As mutações do olhar. O século XX. CORBIM, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (org). Petrópolis: Editora Vozes, 2008. Volume 03.

SANT'ANA, Denize Bernuzzi. É possível realizar uma história do corpo? In: **Corpo e História**. SOARES, Carmem (org). São Paulo: Editora Autores Associados, 2003.

SANTAELLA, Lucia. O Corpo nas Mídias. In: **Corpo e Comunicação: Sintoma da Cultura**. São Paulo: Paulus Editora, 2004.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SCHETTINI, Cristiana. O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso. In: **História do Corpo no Brasil**. PRIORE, Mary Del. AMANTINO, Marcia. (org). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SHAW, Inês Senna. O corpo na propaganda. In: **Corpo e Mídia**. LYRA, Bernadette. SANTANA, Gelson (org). São Paulo: Arte e Ciência, 2006.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: **História do Corpo**. As mutações do olhar. O século XX. CORBIM, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges (org). Petrópolis: Editora Vozes, 2008. Volume 03.